

Elaine Maria Santos

O INGLÊS NOS JORNAIS OITOCENTISTAS: A ESCOLA (1877-1878)

RESUMO

O ensino da língua inglesa no século XIX deve ser analisado tendo como base a pluralidade de fontes, tais como legislação, compêndios e jornais. Este artigo tem como objetivo discutir a utilidade do uso de jornais e apresentar as concepções educacionais encontradas no periódico *A Escola*, publicado no Rio de Janeiro nos anos de 1877 e 1878. Em sua primeira edição, os editores da revista atestaram ser a sua maior preocupação oferecer oportunidades de compartilhamento de informações que pudessem privilegiar a defesa dos direitos do magistério e a luta por melhores condições de trabalho, tendo sido priorizadas, nesta análise, as notícias relacionadas ao ensino de línguas e, mais especificamente, de inglês.

Palavras-chaves: *A Escola*; Língua Inglesa; Século XIX.

ENGLISH IN THE NINETEENTH-CENTURY NEWSPAPERS: A ESCOLA (1877-1878)

ABSTRACT

The teaching of English in the nineteenth century should be analyzed based on the plurality of sources, such as legislation, textbooks and newspapers. This article aims to discuss the usefulness of newspapers and to present the educational conceptions found in the newspaper *A Escola*, published in Rio de Janeiro in 1877 and 1878. In its first edition, the editors of this magazine testified that they were concerned about offering information that could be useful to defend the rights of the teachers and their struggle for better working conditions. In this analysis, the focus has been on news related to language teaching and, more specifically, English.

Keywords: *A Escola*; English Language; The Nineteenth Century.

EL INGLÉS EN LOS PERIÓDICOS OCHOCENTISTAS: A ESCOLA (1877-1878)

RESUMEN

La enseñanza de la lengua inglesa en el siglo XIX debe ser analizada de acuerdo con la pluralidad de fuentes, tales como la legislación, los compendios y periódicos. Este artículo tiene como objetivo discutir la utilidad del uso de los periódicos y presentar los actuales conceptos educativos que se encuentran en el periódico *A Escola*, publicado en Rio de Janeiro entre 1877 y 1878. En su primera edición, los editores atestiguaron ser su mayor preocupación proporcionar oportunidades de intercambio de información que podrían privilegiar la defensa de los derechos de magisterio y la lucha por mejores condiciones de trabajo. Se ha priorizado en este análisis noticias relacionadas con la enseñanza de idiomas y, más concretamente, de inglés.

Palabras-claves: *A Escola*; Lengua Inglesa; Siglo XIX.

L'ANGLAIS DANS LES JOURNAUX DU XIXÈME SIÈCLE : A ESCOLA (1877-1878)

RÉSUMÉ

L'enseignement de langue anglaise dans le XIXème siècle doit être analysé en ayant comme base la pluralité de sources : législations, compendiums et journaux. Cet article a l'objectif de discuter l'utilité des journaux et présenter les conceptions éducationnelles rencontrées dans le périodique *A Escola* (L'ÉCOLE), publié en 1877 et 1878 à Rio de Janeiro. Dans sa première édition, les rédacteurs du magazine ont témoigné être leur plus grand souci fournir des possibilités d'échange d'informations qui pourrait privilégier la défense des droits des enseignants et la lutte pour meilleures conditions de travail, en ayant été priorisé, dans cette analyse, les nouvelles qui se rapportent à l'enseignement des langues et, plus particulièrement, à l'anglais.

Mots-clés: *A Escola*; Langue Anglaise; XIXème.

INTRODUÇÃO

O ensino de língua inglesa no século XIX esteve centrado nos preceitos baseados em práticas que valorizavam a gramática e a tradução, com predomínio de exercícios de versão e tradução, e compêndios divididos, geralmente, em quatro partes: ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe. Esta formatação era recorrente, segundo Sylvain Auroux (1992), desde o século XVI, de modo que os compêndios adotados no oitocentos pouco diferiam, em termos estruturais, daqueles encontrados no quinhentos.

Vários autores de séculos anteriores ao oitocentos publicaram textos e livros contrários a práticas mecanicistas de ensino, como, por exemplo, Johann Heinrich Pestalozzi (2006), que, em 1817, defendeu a experimentação como meio de assegurar a verdadeira aprendizagem, afastando-se de exercícios desconexos e sem significação para o aluno. As explicações, segundo o autor, deveriam partir do concreto e a imaginação facilitaria o aprendizado, podendo ser exercitada com o auxílio de desenhos e jogos. Mesmo com a proliferação de ideias mais inovadoras, os métodos de ensino permaneciam rígidos e tradicionais, de modo que era comum a defesa de métodos inovadores nos periódicos de circulação do século XIX, como é o caso do jornal *A Escola*.

Além das questões relacionadas ao material didático, as publicações oitocentistas também retratavam os esforços para disseminação do ensino da língua inglesa, em detrimento do francês, que recebeu maior ênfase em todo o século XIX. Assim, a análise feita no periódico *A Escola* buscou identificar as informações compartilhadas sobre as inovações metodológicas difundidas no período, bem como o predomínio do francês e alguns embates para que o inglês pudesse se consolidar como língua de acesso ao conhecimento.

1. OS JORNAIS OITOCENTISTAS E A PRESENÇA DE INGLESES NO BRASIL

Os jornais oitocentistas são ricos de informações sobre a sociedade do século XIX, com destaque para as questões comerciais, já que se constituía em veículo propagandístico importante de serviços e produtos e

constantemente retratavam as situações em que a presença inglesa se fazia mais forte em terras brasileiras. Segundo Gilberto Freyre (1977, p. 56), o período de 1808 a 1914 foi o mais ativo no que se refere à presença de ingleses no território brasileiro, e os anúncios dos jornais oitocentistas retrataram essa quantidade de britânicos que se firmaram no comércio brasileiro e divulgavam seus produtos e serviços. Ao analisar os jornais da época, Freyre (1977, p. 110) destacou o fato de que a supremacia inglesa era notória, como também era a excelente e privilegiada localização desses estabelecimentos, tendo sido os ingleses “os donos dos melhores armazéns de fazendas nas principais cidades da colônia e de depois do Império”. Os anúncios de jornal reproduziam o requinte e a grandiosidade esperada por tais recintos, conforme pode ser verificado com o anúncio de um rico negociante de Recife, ao procurar um locatário para um de seus imóveis: “Aluga-se por preço cômodo o armazem da casa n. 18 na rua da Cruz, no Recife, que bota de rua a rua, todo lageado de pedra, próprio para fazendas inglesas ou ferragens, por não ser húmido [...]” (idem, p. 124). Já os estabelecimentos franceses, em contrapartida, não se estabeleciam em locais tão requintados, restringindo-se, em sua maioria, na rua do Ouvidor, que ficou conhecida como “rua dos franceses”, caracterizada pelos prédios velhos e em péssimo estado de conservação, mas que atendia aos negócios propostos, uma vez que os franceses geralmente comercializavam pequenos produtos.

Com uma presença notadamente forte na sociedade da época, construindo um imaginário social de alto padrão social e intelectual nos brasileiros, levando-os a reproduzir os costumes britânicos identificados, era de se esperar que essa influência se fizesse preponderante em todas as áreas da sociedade. Mas essa supremacia não foi observada no ensino secundário e nos preparatórios, pois os padrões franceses ditavam os modelos de civilidade desejados pelas nações ocidentais. Mesmo reproduzindo os costumes dos britânicos que aqui habitavam, a presença da língua inglesa nos preparatórios, nas aulas avulsas, no ensino secundário e nos cursos superiores ainda era bem inferior à francesa, e os números de livros em francês eram muito maiores do que os encontrados em inglês, o que fez com que

houvesse a necessidade de uma luta pela consolidação da profissão de professor de inglês e da comercialização de compêndios destinados ao ensino desta língua.

A influência britânica no ensino primário foi percebida nas primeiras décadas do século XIX, com a adoção do método de Lancaster¹, a partir de 1820. É curioso observar que o estudo dos periódicos do século XIX nos auxiliaram a encontrar o caminho percorrido por essa metodologia até terras brasileiras. É bem provável que este método tenha ganhado força com algumas publicações em jornais da época, como o *Correio Braziliense*, uma vez que seu redator, Hipólito José da Costa de Mendonça (1774-1823), teceu grandes elogios, ainda em 1816, ao referido método e aos benefícios trazidos às crianças pobres, utilizando, como um dos argumentos, a força com que fora utilizada na França. Talvez este argumento tenha sido importante para que o Imperador brasileiro decidisse investir na capacitação dos professores brasileiros, uma vez que suas duas grandes referências, Inglaterra e França, eram as principais divulgadoras. Assim, Hipólito da Costa destacou que

Os Francezes deram ainda um passo de mais; e foi estabelecer um Jornal, com o titulo de *Journal de éducation*; unicamente destinado a referir os progressos destas escholâs em França, e a publicar as instrucçoens necessárias para o seu estabelecimento em outras partes (CORREIO BRAZILIENSE, 1816, p. 462)

Após essa propaganda aberta ao método de Lancaster, as primeiras ações em direção a sua adoção foram percebidas em 1820, com reflexos na legislação até 1875. No que se refere aos assuntos educacionais, os periódicos do século XIX trataram de diversos temas, como métodos de ensino, práticas desenvolvidas em outros países, bem como anúncios de professores e escolas, em que aulas de inglês eram divulgadas, dando-nos uma ideia da representação que tais estudos tinham no imaginário da época. A partir da investigação destes anúncios, algumas análises podem ser feitas, como, por exemplo, o tipo de apelo que era verificado e, em consequência, as finalidades de ensino identifica-

das, uma vez que a proposta de estudo dos compêndios oitocentistas não pode estar desvinculada do seu contexto sociocultural, nem do econômico e político.

2. OS JORNAIS E OS PROFESSORES DE INGLÊS

Em decorrência da grande quantidade de britânicos no Brasil após a vinda da família real, em 1808, passaram a ser corriqueiros os anúncios de ingleses oferecendo seus serviços como preceptores. Em sua grande maioria, eram homens em busca de alunos desejosos de aprender a língua para fins comerciais. Entre esses professores particulares, podem ser encontrados alguns padres, como, por exemplo, o Pe. Felisberto Antônio de Figueiredo e Moura, que, em um anúncio de 1811, colocou à disposição os seus serviços para lições de gramática latina, aritmética, inglês, desenho, pintura e retórica (FREYE, 1977, p. 202-203).

Poucas eram as senhoras que se colocavam à disposição para tal fim e, quando o faziam, geralmente associavam o ensino de inglês a outras atividades tipicamente femininas, como cozer e bordar. Um exemplo de como o ensino de língua inglesa era encarado pela sociedade brasileira oitocentista, quando se referia à educação de meninas, ou sob a tutela de uma professora, pode ser encontrado na Gazeta do Rio de Janeiro de 8 de fevereiro de 1809, ao disponibilizar um anúncio de uma certa professora inglesa, que desejava ensinar inglês para meninas interessadas em aprender a ler, escrever, contar, inglês e português, bem como as mais diversas artes, como cozer e bordar. Para Freyre (1977, p. 201-202), trata-se de uma ousadia para a época, que deve ter escandalizado os pais mais ortodoxos da sociedade brasileira, ao ver uma mulher oferecendo seus serviços em um jornal. Tal atitude, no entanto, era corriqueira na Europa, onde as mulheres tinham mais acesso à educação e se habituaram a anunciar em jornais os seus serviços educacionais.

Foi encontrado em 1813 um anúncio similar, dessa vez de uma certa D. Catharina, que oferecia não simplesmente os seus serviços, mas a oportunidade de estudo em uma escola feminina. “Era a disciplina inglesa a penetrar nas casas da burguesia ou da aristocracia brasileira para dar um feitiço novo à educação das

meninas” (FREYRE, 1977, p. 202). A educação dos meninos também foi anunciada nos jornais da época, mas esses anúncios não escandalizavam, pois o homem tinha acesso regulamentado e aceito pela sociedade.

Outro anúncio chamou a atenção de Freyre (1977, p. 205), e pode ser considerado, no mínimo, estranho, ou infeliz na argumentação. Trata-se de uma mulher, identificada como “Snra. Inglesa”, e que ofereceu seus serviços na seguinte condição: “Qualquer Sr. Solteiro ou viúvo que quizer alugar huma Sra. Inglesa, muito capaz, para tomar conta de huma caza”. Em tom de ironia, o autor questionou o porquê da exigência de ser um homem solteiro ou viúvo, chegando até mesmo a duvidar se o interesse era realmente o de oferecer os serviços de governanta.

Os anúncios de professores de inglês se prolongaram por todo o século XIX, como sinal de que havia um campo de trabalho para essas pessoas, muitas oriundas da Inglaterra, bem como uma procura por estes serviços, caso contrário os anúncios teriam se tornado escassos, culminando com o seu total desaparecimento, o que, evidentemente, não aconteceu.

3. A ESCOLA (RJ) – REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

A Escola foi um periódico publicado em vários estados, como Alagoas, Paraná, Bahia, Pará, Maranhão e Rio de Janeiro, onde teve circulação nos anos de 1877 e 1878, tendo sido colocado à venda sempre aos sábados, com o seu mote atestado na capa da primeira edição: “Para formar um povo nobre, morigerado, laborioso, só ha um meio - é *educal-o*” (A ESCOLA, 1877, capa). A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional compilou todas as edições de um mesmo ano em um volume único, numerando as páginas em sequência cronológica, tendo esta sido a numeração utilizada nesta pesquisa.

Como matéria introdutória desta revista, tem-se uma verdadeira ode à prosperidade da nação pela instrução, ao mesmo tempo em que é compartilhado o receio de que esta publicação não prospere como desejado, tendo-se, como argumento, outros exemplos de jornais similares que sucumbiram e não conseguiram

atingir o seu objetivo, já que poucos são os investimentos recebidos.

Os embaraços que se nos apresentam, as dificuldades que se nos antolham, a recordação da esterilidade dos esforços que outros que hesitaram ou recuaram na realização de tão elevado empenho, não são motivos de desânimo para nós, se não estímulo para maiores esforços: porque a idéia é grande, enobrece aquelles que a defendem, e, embora sucumbamos na luta, o merito de haver pelejado debaixo de suas bandeiras ninguem nol-o poderá contestar (A ESCOLA, 1877, p. 1)

A proposta inicial, dessa forma, contemplava a defesa dos direitos do magistério, seja ele na esfera pública ou particular, a disponibilização de um instrumento de instrução voltado para as classes menos favorecidas e o compartilhamento de notícias e informações relevantes para o entendimento dos sistemas de educação, bem como métodos de ensino (idem, p.2), sendo possível colher informações pertinentes sobre o ensino de língua inglesa e sua luta por espaço frente ao francês.

Poucas foram as propagandas de compêndios destinados ao ensino e, mais especificamente, ao inglês. Como *A Escola* foi publicada pela livraria Serafim José Alves, no ano de 1878, os livros desta livraria foram amplamente divulgados, sem que outros materiais fossem colocados para a análise. Desde o primeiro número da revista, foram disponibilizadas as leis mais importantes, no que se refere à educação, de 1876 a 1878, como, por exemplo, o Decreto n. 6397, de 30 de novembro de 1876, que criou duas escolas normais primárias, privilegiando o ensino do francês, sem nenhuma referência à língua inglesa (A ESCOLA, 1877, p. 2) e a criação da Escola Polytechnica, pelo Decreto de 22 de Dezembro de 1876, com a divulgação da necessidade de exames preparatórios de inglês e francês para acesso às referidas aulas (idem, p. 20, 50).

No que se refere às corriqueiras discussões pedagógicas sobre métodos mais práticos ou teóricos, também presentes nos discursos da legislação da época e

dos prefácios dos compêndios oitocentistas, *A Escola* se posicionou favorável à busca por um método que pudesse balancear a teoria com a prática, afirmando que, se o professor utilizar uma metodologia baseada exclusivamente na prática e “ceder ao desejo de ir adiante sem tomar a sabia precaução de firmar o passe ao aluno, sucederá que as ideás muito confusas [...] não poderão engendrar senão concepções cada vez mais vagas ou absurdas” (ibid, p. 32). Da mesma forma, quando o ensino está pautado em posições exclusivamente teóricas, perde a oportunidade de

exercer o entendimento de modo realmente aproveitável, - edifício construído na areia, sem base nem esteio e que por si mesmo desmorona.

O educado pela practica, pode-se dizer que rasteja muito pelo solo; o theorico ao contrario desfere o vôo para as alturas e perde-se em uma ideologia vaporosa: o primeiro não sahe de um circulo estreitissimo, mas executa bem o que faz; o segundo tem o espirito mais arrojado, falta-lhe, porém, a aptidão practica tão necessaria na vida real.

Um tende sempre para a rotina, o outro extrema-se em um mundo de illusões e utopias.

Nem um nem outro serão jámais homens verdadeiramente distinctos, pois que cada qual possúe apenas metade do que constitue o saber completo (A ESCOLA, 1877, p. 32).

É interessante observar que esta foi uma das dúvidas mais comuns dos professores do século XIX que publicaram compêndios: como utilizar a teoria e prática de forma equilibrada. Em muitos casos, mesmo professando uma busca por esse equilíbrio, percebeu-se uma balança mais favorável, ou até mesmo exclusiva, para um ou para o outro lado.

A leitura de *A Escola* auxiliou-me a compreender o cenário educacional do Brasil nos anos 70 do século XIX e pôde dar alguns indícios de como se dava o ensino nas décadas anteriores e posteriores. Não somente as peças legislativas de maior importância para a instrução foram disponibilizadas, como também

alguns números importantes para a compreensão da extensão da influência inglesa e francesa na sociedade da época. Por exemplo, na edição de 1877, foram compartilhados os números dos livros disponibilizados na Bibliotheca Municipal do Rio de Janeiro e, das 16.211 obras contabilizadas, 15.408 foram consultadas. Destas, 9.156 foram escritas em português (59,4%), 5.730 na língua francesa (37,18%), 243 em espanhol (1,58%), 162 em inglês (1,05%), 40 (0,26%) em latim, e 77 em outros idiomas (italiano, alemão, tupi e grego) (0,53%). A grande supremacia do francês sobre o inglês pôde, então, ser constatada, em 1877, pela diferença na porcentagem das leituras em francês (37,18%) em relação às leituras em língua inglesa (1,05%) (idem, p. 53). Esta diferença justifica a preocupação de tantos autores em exaltar o ensino do inglês, em detrimento do francês, nos prefácios de suas obras, como, por exemplo, o Pe. Tilbury (1827), que chegou a afirmar que o inglês era o veneno contra a supremacia e soberba francesa, e, mesmo professando ser um defensor do ensino do inglês contra o francês, ofertou seus serviços para o ensino das duas línguas no *Almanak Laemmert* (ALMANAK LAEMMERT, 1843, p. 214-215), muito provavelmente em busca de aumento na sua renda, já que a procura pelo ensino do francês era maior.

Na busca pelo equilíbrio entre teoria e prática, a revista *A Escola* publicou algumas matérias com caráter pedagógico e com o objetivo de divulgar alguns métodos de ensino mais intuitivos, os quais poderiam auxiliar o professor a empregar práticas mais eficazes. Pode-se citar, por exemplo, o método de Gautier, baseado em princípios lúdicos, principalmente para a leitura, partindo do pressuposto de que as crianças aprendem mais brincando. Utilizando cartões com as letras do alfabeto, em formatos diferentes, os pequenos trabalhariam com as letras, sílabas, palavras e frases. Esse método, segundo o periódico, estava pautado em práticas que privilegiavam a intuição, por intermédio dos ideais propagados por Pestalozzi, e das lições de moral, defendidas por Girard (A ESCOLA, 1877, p. 222-223).

Em cada edição do periódico, havia uma seção denominada Revista das Províncias, em que era relatada a situação educacional de uma província espe-

cífica, em termos de números de alunos inscritos no ensino primário e nas cadeiras da educação secundária. Em todas as províncias, o número de inscritos nas aulas de francês foi superior ao de frequentadores das aulas de inglês. No Instituto Paranaense (instituição pública), por exemplo, foi registrada, em 1877, a inscrição de 35 alunos para as aulas de português, 31 para francês, e 12 para inglês, uma quantidade de alunos muito inferior do que o observado nas aulas de francês e menor, inclusive, do que o número de inscritos para o alemão (18 alunos) (idem, p. 241-242).

A mesma desproporção na quantidade de alunos foi verificada em vários outros relatos da seção Revista da Província. No Pará, quando da análise do Lyceu Paraense, foi relatado que, em 1877, 44 alunos frequentaram regularmente as aulas de Grammatica Philosophica e Francês, enquanto que apenas 18 participaram das aulas de inglês, menos da metade dos inscritos em francês (A ESCOLA, 1877b, p. 155), reforçando a tese de que a procura pelas aulas de inglês era menor do que pelas aulas de francês, o que pode ter contribuído para que o professor de língua inglesa necessitasse, muitas vezes, entrar em uma batalha para delimitação de um campo de trabalho.

A análise dos periódicos oitocentistas permitiu a identificação da influência de diversos países na consolidação das práticas educacionais em terras brasileiras, com predomínio das inglesas, americanas e francesas. A influência dos Estados Unidos foi acentuada na Revista *A Escola*, que, apesar de citar exemplos parisienses e ingleses, deu muito mais ênfase aos modelos norte-americanos como exemplos de sucesso a serem seguidos. Foi o que aconteceu com os destaques dados por Tavares Bastos sobre a educação nos Estados Unidos e as *school-houses* norte-americanas (idem, p. 37-38), os relatos de Phillipe da Mota de Azevedo Córrea sobre sua visita aos Estados Unidos, a ideia de implantação do *kindergarten* americano, a participação nas exposições, como a da Filadélfia, e o envio de alguns objetos para o Brasil, com o objetivo de servir como exemplo a ser analisado e, possivelmente, seguido (idem, p. 9-10); e a descrição da educação em Massachussets, onde os meninos eram obrigados a frequentar a escola e o governo mantinha um fundo fixo, com o objetivo

de auxiliar, financeiramente, as instituições de ensino (idem, p. 289).

Apesar de sua curta existência, *A Escola* conseguiu atingir os seus propósitos norteadores, ao ter reunido as notícias educacionais mais importantes que circulavam no Brasil e no mundo, colocando, em um só espaço, as principais leis educacionais, informações sobre cadeiras de primeiras letras e dos estudos secundários da corte, bem como sobre métodos inovadores e ideias para os professores desejosos por melhores práticas educacionais.

4. A ESCOLA (RJ) – *ORGAM INSTRUCTIVO E LITTERARIO* (1897)

No dia 1 de setembro de 1897, o periódico *A Escola* tentou, novamente, assegurar um espaço editorial na corte, e lançou seu primeiro número desta nova edição. Trata-se de uma nova reconfiguração da revista, com novos editores: Nestor da Cunha, L. Monteiro e B. Queiroz. As pesquisas na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro registraram, no entanto, apenas esse número, fazendo com que seja possível inferir que, muito provavelmente, por falta de recurso, o periódico não conseguiu um espaço, conforme desejado.

Neste primeiro e único número, encontrei o objetivo final do jornal, na seção “O nosso fim”. Os editores se colocaram como parceiros dos professores da corte, sem nenhuma pretensão de ensinar metodologias, estando a equipe “prompta a estudar, disposta a repartir com os que quiserem, tudo quanto adquirir” (A ESCOLA, 1897, p. 1).

Já no seu primeiro artigo, intitulado “Mestre ou Mestra?”, os editores se colocam preocupados com a tendência mundial em preferência por mestras, por creditarem às mulheres uma maior predisposição natural para o ensino. Com o objetivo de rebater esse pensamento que começa a se difundir no final do século XIX, é difundido no periódico o pensamento do educador peruano F. A. Berra, que, ao tecer algumas considerações sobre o cenário atual, afirma que os homens estão perdendo seu espaço na Europa, sob a alegação que não possuem a mesma vocação que as mestras. Mostran-

do-se avesso a essa afirmação, Berra afirma que “desse ensino ‘quasi exclusivamente’ entregue aos homens resultou o desenvolvimento litterario da França, scientifico da Inglaterra e artistico da Itália” (A ESCOLA, 1897, p.1), o que faz com que não seja possível excluir os mestres desse processo educacional.

Interessante observar que as discussões giraram em torno da inconformidade do professor Berra em cogitar a igualdade de capacidade entre homens e mulheres, uma vez que o mesmo defendia que o homem era muito superior à mulher, inclusive nas questões educacionais, já que a mulher “não possui energia precisa para as luctas da vida, porquanto unicamente ‘ocupa os logares que o homem abandona’ sem que estabeleça ‘lucta e vença’ pela ‘superioridade e excellencia de suas forças’”(1897, p. 1-2), sem contar que a mulher não teria nenhuma “robustez” de espírito que fosse valiosa a ser repassada aos seus alunos. Assim, como a educação estava ligada à formação moral, esta não poderia ser assegurada com uma mulher.

Nas palavras iniciais dos editores, a revista *A Escola* estava sendo lançada para se colocar como uma voz rumo aos avanços da educação, mas, com um discurso contrário ao sucesso das mestras, o valor que a educação feminina vinha conquistando em outras partes do globo estava sendo abafado, sem o estabelecimento de um diálogo. Era uma reafirmação de poder, pautada em práticas antigas e desejo de continuar utilizando a educação como forma de promover docilidade ao corpo, por meio de castigos físicos, que só o homem era capaz de exercer de forma enérgica, e de civilidade, com o incentivo ao amor pela pátria, o que, segundo esses mesmos senhores, era impossível se deixado a cargo de uma mulher.

Quem anteporá á influencia de sua familia, estrangeira immigrada, a chamma de patriotismo?

A mestra?

Não! Não o fará porque incontestavelmente o espirito da mulher tende sempre á conservação da especie, ao bem estar do individuo, e coloca em plano inferior á familia a patria.

Não o fará porque não sentirá pulsar vivo,

forte e energico em seu peito o coração brasileiro que bate em nós ao primeiro insulto atirado ao Brasil.

Quem realizará então esse beneficio?

O Mestre! (A ESCOLA, 1897, p. 2)

O amor à pátria precisava ser prioritário e todos deveriam estar dispostos a entregar suas vidas pela reafirmação do Brasil. Este era o maior valor a ser fortalecido nas escolas, e essa tarefa era atribuída unicamente ao homem, fazendo com que a resistência à valorização da mestra fosse uma necessidade. Esse discurso que priorizava a profissão de mestre perpassou todas as seções da revista, ficando registrado que era “portanto, a defesa dos direitos do mestre e dos interesses do ensino, que tornamos parte principal do nosso programma jornalístico” (idem, p.3).

As quatro páginas do periódico foram preenchidas por outros textos de valorização à profissão docente, mas motivacionais, sem nenhuma discussão metodológica mais aprofundada. Havia também alguns poemas, todos colocando a mulher como donzela e como fonte de amor idealizado foram disponibilizados ao longo do jornal. A edição foi finalizada com um apelo para que todos os interessados que receberam o periódico pudessem se dirigir à sede do jornal para contribuições voluntárias, de modo que as próximas edições pudessem ser asseguradas, o que, muito provavelmente, não ocorreu.

Em 1901, um novo periódico com o mesmo nome foi disponibilizado no Rio de Janeiro: *A Escola – jornal Litterario*, tendo como editor Ade Mesquita Campos. Este periódico teve, também, vida curta, contando com apenas três edições: 15 de outubro, 2 de novembro e 15 de novembro.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Estudar o ensino de um idioma em um período específico significa contrastar fontes e discursos, de modo que possamos ser capazes de identificar sinais sobre a aplicação, ou não, de determinações impostas por lei, ou de métodos difundidos em materiais didáticos. Assim, o estudo da legislação é importante, por

fornecer informações relevantes sobre os anseios dos governantes nas questões educacionais, da mesma forma que os compêndios apresentam as crenças dos seus autores diante da aceitação, ou não, das orientações oficiais. No entanto, a lei e o livro não são suficientes para ilustrar as rotinas educacionais do período estudado, uma vez que o professor tem o poder de aplicar ou modificar as práticas esperadas, a partir de suas próprias concepções. Neste sentido, o estudo de diários de classe, cadernos e anotações podem se constituir em ferramentas de grande valor para o estudo do pesquisador da educação. Na dificuldade ou, até mesmo, impossibilidade de se ter acesso a esse tipo de fonte, outras podem ser procuradas, como, por exemplo, os jornais e revistas, que trazem a visão de profissionais da educação, editores, literatos e jornalistas sobre a situação vivida pela comunidade. Foi com esse intuito que essa pesquisa se debruçou sobre as matérias disponibilizadas pelo periódico *A Escola*, que foi distribuído na corte do Rio de Janeiro em 1877 e 1878.

A partir da análise do periódico em questão, ficou claro que o Império estava à procura de modelos educacionais a serem implementados no Brasil, conforme testemunhos de Tavares Bastos e Phillipe Corrêa, por exemplo, sendo também possível identificar a insatisfação dos professores com as condições de trabalho e baixos salários destinados à classe docente, e não somente dos professores de primeiras letras, conforme amplamente documentado na legislação do império, mas também dos professores da instrução secundária. No que se refere à escolha de métodos de ensino, ficou claro que essa discussão permeou os discursos deste periódico, defendendo-se, mais uma vez, a utilização de um método mais indutivo e com um equilíbrio entre a teoria e a prática, sinalizando que as abordagens tradicionais ainda eram frequentes nas últimas décadas do século XIX.

A predileção do francês foi também documentada no jornal *A Escola*, a partir dos levantamentos numéricos dos alunos que frequentavam as aulas de línguas vivas, das cadeiras que eram abertas e quantidades de obras disponibilizadas para o público nas bibliotecas de cada província, com a constatação de que essa preferência não era sentida apenas no Rio de Janeiro, mas nas

diversas províncias que enviavam seus relatórios para a coluna “Revista das Províncias”. Assim, a junção das informações colhidas na legislação, nos compêndios e nos jornais nos auxilia a compreender as posições e importância de cada peça que compõe o tabuleiro do sistema educacional brasileiro oitocentista.

NOTA

- 1 O método de Ensino Mútuo Lancaster ou Lancasteriano, ou de ensino mútuo teve sua origem no final do século XVIII, na Inglaterra, tendo alcançado seu auge no século seguinte. Esse método foi desenvolvido a partir da necessidade identificada em decorrência da forte industrialização e urbanização vivenciadas pela Inglaterra, de modo que se fazia necessário pensar em uma forma de diminuir os custos com a educação do grande número de meninos que se acumulavam nas cidades. Assim, os ingleses Andrew Bell (1753-1832) e Joseph Lancaster (1778-1838) criaram uma metodologia pela qual o professor poderia ensinar aos alunos mais inteligentes, e estes, dividindo a turma em pequenos grupos, poderiam repassar para os demais o que haviam aprendido, fazendo com que muitas crianças pudessem ser ensinadas ao mesmo tempo. Com o método mútuo, as despesas com a instrução eram diminuídas e a instrução poderia chegar às classes mais pobres, a quem era destinado apenas o conhecimento básico de ler, escrever e contar. Em decorrência de um desentendimento de posicionamento teórico entre Bell e Lancaster, esse último aprimorou a metodologia e patenteou-a com o seu nome (CASTANHA, 2012, P. 1-5). Ao ver seu método enfraquecido na Inglaterra, Lancaster decidiu divulgá-lo para outros países, como Portugal, Alemanha, Suíça, Canadá, Escócia, Irlanda, Itália, Estados Unidos e França.

REFERÊNCIAS

- A ESCOLA. Revista Brasileira de Educação e Ensino. Colaborada por varios professores e litteratos, sob a direção do sr. Luiz Joaqui Duque-Estrada Teixeira. Vol 1 e 2. Rio de Janeiro: Serafim José Alves Editor, 1877.
- A ESCOLA. Orgam Instructivo e Litterario. Redatores: Nestor da Cunha, L. Monteiro e B. Queiroz. Rio de Janeiro, 1897.
- A ESCOLA. Jornal Litterario. Editor A de Mesquita Campos. Rio de Janeiro, 1901
- ALMANAK ADMINISTRATIVO MERCANTIL E INDUSTRIAL DO RIO DE JANEIRO PARA O ANNO BISSEXTO DE 1844. Primeiro anno. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843.
- AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CASTANHA, André Paulo. A introdução do método lancaster no Brasil: história e historiografia. In: IX Anped Sul, 2012, Caxias do Sul - RS. Anais da IX Anped Sul. Caxias do Sul - Rs:

Ucs, 2012. v. 1. p. 1-16. In: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1257/12>. Acesso em 02 de janeiro de 2017.

CORREIO BRAZILIENZE, ou Armazém Literario. Vol1. Londres: Impresso por W. Lewis, Paternoster Row, 1815.

FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/MEC, 1977.

PESTALOZZI, Johann Heinrich. Cartas sobre educación infantil. 3a.ed. Madri: Tecnos, 2006.

TILBURY, Guiherme Paulo. Arte ingleza, offerecida ao illustrissimo Senhor Visconde de Cayru. Rio de Janeiro: Na Typographia Imperial e Nacional, 1827.

A AUTORA

Elaine Maria Santos é Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e professora de Língua Inglesa da Universidade Federal de Sergipe, do Departamento de Letras Estrangeiras. E-mail: elainemaria.ufs@gmail.com.